# SINAIS DE FOGO

A propósito do que diz uma carta de Mécia de Sena a João Gaspar Simões são reveladas algumas luzes e sombras sobre a vida e a obra de um dos maiores escritores portugueses do século XX

Texto **Arnaldo Saraiva**

Desinteressei-me sempre do que Mécia de Sena terá dito de mim na minha ausência. Mas não posso ignorar o que agora apareceu por escrito — numa carta de há mais de trinta anos, datada de 11/9/1982, que faz parte do livro recente "Jorge de Sena/João Gaspar Simões — Correspondência 1943-1977", com organização, estudo introdutório e notas de Filipe Delfim Santos e com o subtítulo "Incluindo o Carteio de Mécia de Sena".

Percebe-se mal o que fazem as cartas de Mécia neste volume, com o mesmo destaque das de Simões ou das de Jorge de Sena, e integrais (não citadas ou resumidas só em notas), para mais sendo posteriores, salvo uma, às dos dois escritores, não tendo o valor literário delas e não trazendo nenhuma luz relevante às dos correspondentes ou às suas relações. Assim, além de servirem um protagonismo deslocado, cumprem as comuns finalidades das cartas e de algumas anotações de Mécia, onde às vezes há queixas ou queixinhas contra este ou aquele e contra a pátria, retorcidas distorções e ressentidos ajustes de contas. O curioso é que o volume exclua textos que poderiam iluminar a "correspondência" mas também a longa "incorrespondência" entre os dois escritores. A enorme desproporção entre as dezenas de páginas concedidas ao que Gaspar Simões escreveu — quase sempre favoravelmente — sobre Sena e as duas páginas concedidas ao que Sena escreveu sobre Simões até ficaria atenuada com a inclusão de "invetivas" ou de "sátiras", a que se refere uma rapidíssima passagem do "estudo introdutório"; mas nem há cheiro de nenhuma das várias publicadas ou estranhamente impublicadas "dedicácias" de Sena que implicam Gaspar Simões; o leitor fica assim sem saber, por exemplo, que Sena chegou a nomear o famoso crítico como "Gaspões", ou "Simar Gaspões", e a rir-se dele por ser... cornudo, como se riu de Mário Cesariny por ser homossexual.

A carta datada de 11/9/1982, em que sou atacado, é paradigmática. Remete para um texto de Gaspar Simões publicado no "Diário de Notícias" de 22/4/1982 (em que este discordava de critérios editoriais de Mécia) e diz isto: "Devo confessar que a discordância não me feriu: tenho de aceitar a livre opinião de toda a gente; mas me feriu, e muito, devo confessar, que me tenha metido no mesmo saco com o Arnaldo Saraiva. Porque eu posso pecar por excesso de honestidade, ele pecou por aleivosia e desonestidade intelectual e literária. Estive quase para lhe enviar a carta que lhe escrevi a ele, assim como a cópia da carta do Jorge de que ele fala e que é um digno e claro documento calmo e bonito, de um rapazinho que se controla para anunciar à família que afinal vão continuar na miséria de que julgavam ter saído!!! E foi claro para toda a gente que leu com olhos de ler, que tudo aquilo era um ataque a mim, por não ter conseguido apoderar-se da cátedra (que sem o doutoramento a não podia adquirir) e os papéis, que eu jamais cederia fosse a quem fosse, porque assim o prometera toda a minha vida e eu não preciso repetir o que prometo."

Esta antiga prosa privada, que a autora quis agora publicar sem nenhuma retificação ou contrição, merece ser minuciosamente desmontada:

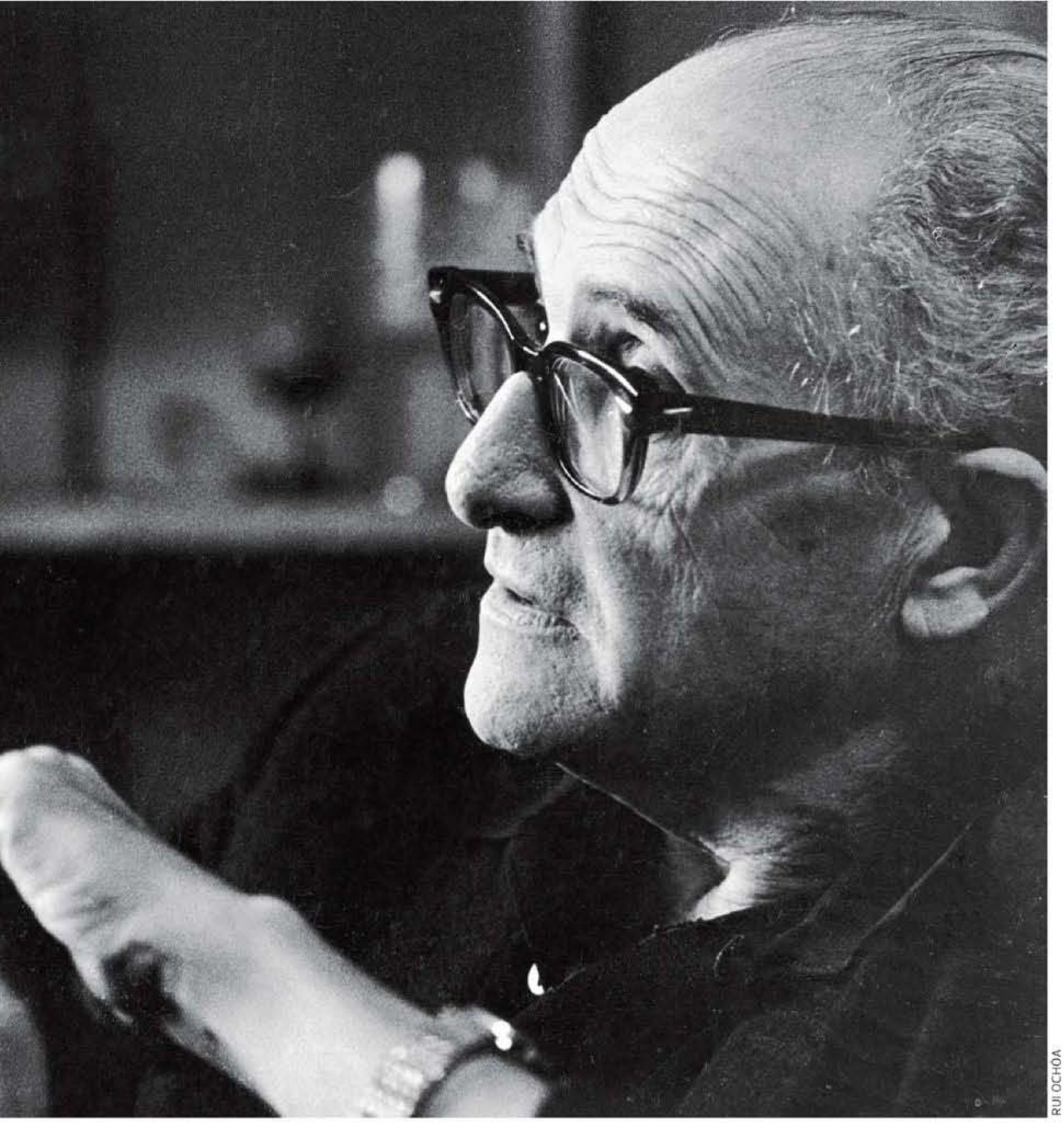
**a)** Notemos desde logo a honestidade de quem diz que pode pecar "por excesso de honestidade".

**b)** Não é necessário ser psicanalista para assinalar o *double bind* da declaração "não me feriu".

**c)** Em vez de responder, como se esperaria, e seria fácil, aos argumentos de Gaspar Simões, a autora limitou-se a fazer uma declaração emocional e desviou logo o seu azedume para quem não tinha entrado nessa história.

**d)** Em nenhum lugar do texto de Simões figura o nome de Arnaldo Saraiva, pelo que foi Mécia, não Simões, que o quis meter "no mesmo saco".

**e)** Falando da epistolografia portuguesa, o texto de Simões, inicialmente genérico, dava quase no final como precipitada e injustificada a publicação do "pequeno compêndio intitulado 'Jorge de Sena/Guilherme de Castilho — Correspondência'", acrescentando que não via nele "interesse literário" que valesse "o esforço despendido"; e visava explicitamente "a representante de Jorge de Sena": "Está-me a parecer que a representante de Jorge de Sena, prezando em excesso a memória do poeta, de algum modo lhe é nefasta." Logo a seguir vinha a passagem que terá levado à delirante visão do "mesmo saco": "Por aí já correm versões incríveis do que foi a sua [de Sena] passagem pela Escola Naval, e outras coisas mais, da sua idade juvenil." Simões lera certamente o longo estudo que eu publicara no Expresso cerca de um mês antes, em 20/3/1982, com o título "Quando a Marinha disse não a Jorge de Sena", mas, bom conhecedor dos meios literários, sabia bem que não fui eu que inventei as "versões" sobre essa exclusão, anunciada no final das provas da viagem no navio-escola "Sagres" (de que dependia a entrada na Escola Naval). E o meu texto não deixava dúvidas: "Até hoje, da boca de familiares, antigos companheiros e intelectuais, já me foi dado ouvir opiniões que apontam para três ordens de razões pelas quais Jorge de Sena teria sido excluído da Marinha: 1) razões de ordem militar; 2) razões de ordem sexual (homossexualismo); 3) razões de ordem política." Mécia ficou furiosa não só por eu defender com argumentos sólidos a tese das razões de ordem militar e rejeitar a sua tese das razões políticas mas também por eu ter lembrado a tese — que rejeitei — da homossexualidade, que há muito corria nos *mentideros* lisboetas (foi até um velho amigo de Sena que pela primeira vez me falou nesse "boato") e que estava insinuada num texto — que citei — de Manuel Anselmo. Mécia não contestou publicamente o meu estudo, mas enviou-me uma carta insultuosa — "Quem lhe paga?" —, a que, é claro, não respondi (já antes decidira para minha tranquilidade suspender a correspondência com Mécia, depois de receber dela uma carta só a dizer o pior de um grande amigo meu; e nunca fui buscar a casa de Óscar Lopes uma outra carta que para lá mandou aberta, pedindo para ele a ler antes de ma entregar). A viúva de Sena não contestou publicamente o meu estudo, mas de Londres mobilizou logo contra ele 12-escritores-12, que se repartiram por



RUI OCHÔA

dois grupos (um deles aparecia nos dois) e se apresentaram como autores de dois textos que o Expresso publicou em 9 de abril; não adiantando um só dado que contrariasse o que eu expusera e defendera, um dos textos transpirava, épico, de indignação, proclamava que eu, que "venerara" Sena em vida, tentava "roê-lo depois da morte" (sic), que não fizera "um trabalho de investigação" e que desferira um cobarde e "farisaico" ataque não só contra Sena mas também contra a "cultura portuguesa" (!!!); o outro texto divagava sobre os meus propósitos e intenções, esboçava uma argumentação demasiado frouxa e falaciosa em favor da tese de Mécia e responsabilizava-me por lançar "o fumo do fogo" que sabia não existir, como se, já que negava a tese da homossexualidade, devesse ter evitado falar "nisso". Mas por um prévio telefonema de um dos signatários eu já me tinha apercebido que fora a referência à homossexualidade que mais indignara Mécia e os escritores... progressistas (!), a que não me foi difícil dar logo a devida resposta. Porque eles dispensaram-se de fazer pesquisas como as que eu fizera: deslocara-me por três vezes ao Arsenal do Alfeite, em cujos arquivos descobri e li dois relatórios até então confidenciais; ouvira companheiros de viagem no navio-escola "Sagres", um deles também excluído da Marinha; conversara com amigos e familiares dele; e consultara documentos do espólio, que a viúva me facultara.

**f)** Na sua carta, escreveu Mécia que "toda a gente" percebeu que "tudo aquilo era um ataque a mim". É fácil avaliar as hipérboles (toda a gente, tudo), tanto quanto a avidez de visibilidade e de vitimização; quem leu o meu longo estudo viu que o nome dela só aparecia uma vez, e em ligação com uma tese — insustentável — que, essa sim, ataquei.

**g)** Quando escrevi o texto do Expresso, nunca tinha ouvido ou lido em jornal ou livro qualquer alusão às razões de ordem militar. Mas hoje estão publicados textos do próprio Jorge de Sena que dão clara e inteira razão à tese que defendi. Leia-se, por exemplo, a pág. 31 dos "Diários" (2004), onde vem uma carta que Sena dirigiu de Dacar à mãe, em 12 de fevereiro de 1938, quando se aproximava do fim a viagem, iniciada em 1/10/1937, da "Sagres": aí é referida a opinião do instrutor Norberto (Teixeira Monteiro) sobre o cadete Sena: "Diz ele que eu sou incontestavelmente superior a todos os outros em inteligência, não possuo contudo espírito militar." Mais expressiva ainda é a carta publicada no livro "Jorge de Sena/José Régio" (1986), dirigida a Régio em 16 de fevereiro de 1947, onde se lê: "A viagem, por artes de um instrutor diabólico, foi um inferno; e havia ordem ministerial de sacrificar alguém para prestigiar o novo regulamento que entrava em vigor. No regresso, foram sacrificados quatro, um deles eu, por falta de desembaraço, que, então de facto, não era muito."

**h)** A tese de Mécia entrava na série das grandes vitimizações, mas fiava mais fino. Em 11/3/1979 escrevi, "a título pessoal", uma carta ao então Presidente da República, general Ramalho Eanes, a lembrar que "o cemitério de Santa Bárbara" não era "o lugar adequado para guardar os restos mortais" do "grande escritor português" e que se impunha "a trasladação", o que "poderia revestir-se de raro e alto valor simbólico". Passado algum tempo foi-me dito da Presidência que tal trasladação não seria possível por causa das exigências da viúva, de que até falaram alguns jornais (ver "Jornal de Notícias" de 18/11/1981): que essa trasladação só poderia ser feita se se procedesse à reintegração de Jorge de Sena como oficial da Marinha, se lhe fossem prestadas honras militares e se fosse colocado num panteão nacional para escritores. Ora, confirmaram-me alguns militares, não poderia fazer-se a reintegração na Marinha de quem não chegara a entrar na Escola Naval. A trasladação far-se-ia muitos anos mais tarde — e ninguém, nem Mécia, lembrou as suas antigas exigências.

**i)** Mécia de Sena dá o meu suposto "ataque" como vingança por não ter conseguido apoderar-me "da cátedra" (sic) e, aparentemente (a gramática falha), por ter querido apoderar-me de "papéis" que ela "jamais cederia". Pela primeira razão, ela imagina que tinha poderes — ainda por cima não sendo universitária — para impedir o meu acesso a uma cátedra; ou supõe que eu ignorava que, não sendo doutorado, podia em pouco tempo e sem concursos chegar a uma cátedra. Depois, finge esquecer que fui eu que, poucos dias depois da morte de Sena, em reunião de docentes da Universidade, propus para a "cátedra" o nome de Maria de Lourdes Belchior, que logo foi aceite; mas também finge esquecer que pouco tempo após a morte de Sena eu decidi o meu regresso definitivo a Portugal, abandonando os Estados Unidos, onde mais fácil ou rapidamente poderia doutorar-me. Eis-nos perante outro típico desvio meciano. Eu sei bem quem sonhou "apoderar-se" (não por concursos) de uma "cátedra", se possível dedicada exclusivamente a Jorge de Sena; percebi bem a razão que levava Mécia a proclamar que era "o garante" dos dinheiros que a Gulbenkian dava ao Centro de Estudos Portugueses da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara — dinheiros que por sinal dá ainda hoje e que não negou quando esse Centro deixou de se chamar Jorge de Sena, por abusiva e vergonhosa "exigência" da viúva do escritor; mas também não tomei como insuspeita a notícia que um dia me deu e pôs a circular: que fora convidada para ensinar no King's College londrino. Ora numa carta agora publicada, dirigida em 3 de fevereiro de 1980 a Gaspar Simões, ela própria diz textualmente que foi para Londres "fazer o mesmo que fazia em Santa Bárbara". E de certeza que não foi o King's College que pagou a estadia... Mas na segunda razão não há menos delírio, mentira ou maldade do que na primeira. Se eu me quisesse candidatar à herança de "papéis" não teria escrito a carta que, também "a título pessoal", enviei de Santa Bárbara, em 26/4/1979, ao secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira, carta de que dei conhecimento à Reitoria da Universidade do Porto e ao Conselho Científico da Faculdade de Letras do Porto; nessa carta chamava a atenção para a importância da biblioteca de Jorge de Sena — falei em biblioteca mas no meu pensamento ela não existia separada do resto do espólio verbal —, que estava "à guarda inteligente

da sua legítima proprietária", mas que com o tempo podia correr vários riscos, impondo-se a negociação da sua aquisição "por parte de uma instituição capaz de atrair investigadores e estudiosos". O mais espantoso é que Mécia se esqueceu de que foi ela que me convidou, e a mais dois professores, antigos alunos do marido, logo em 2 de julho de 1978, para nos ocuparmos da edição de obras de Sena: eu fui encarregado, com pedido de urgência, de preparar a edição do romance "Sinais de Fogo", dos estudos sobre Fernando Pessoa e das entrevistas, mas dei alguma colaboração para a preparação de outras edições, como por exemplo "40 Anos de Servidão" e a nova edição aumentada de "O Reino da Estupidez".

j) A carta agora publicada tem uma nota de Filipe Delfim Santos que refere o meu texto do Expresso, acrescentando "cujas motivações Mécia de Sena aqui aclara". Assim mesmo: "aclara" — e como. O anotador não me ouviu nem leu, bastou-lhe a claríssima versão de Mécia, que sempre soube encontrar delfins que nunca põem em causa o que ela diz e que dizem o que ela quer que seja dito. Desisti do projeto de uma biografia de Sena por ver que, não podendo dispensar o seu espólio, teria de calar discordâncias; e vejam-se as consequências da publicação de um só episódio dessa biografia.

k) Depois da polémica no Expresso, nunca mais fui convidado para entrar em congressos, números especiais de revistas, blogues ou *sites* sobre Jorge de Sena que tivessem a bênção da viúva. Talvez ela e alguns dos seus colaboradores pensem que me deram um devido castigo. Eu acho que me deram um prémio, pois sinto-me livre para escrever quando quiser e como quiser sobre o autor de "Arte de Música" e ganho tempo para dedicar a outros escritores. Nada tenho contra os que, como Mécia, fazem de Jorge de Sena o centro fixo do seu mundo, ou mesmo do mundo; só que não posso deixar de me mover por vários centros e há muito denuncio publicamente o meu grande interesse por margens e periferias; os meus dois últimos livros, por sinal, incidiram sobre Correia Dias e Augusto dos Santos Abranches, que, não sendo personalidades culturais centrais, foram honestos e fecundos trabalhadores das artes ou das letras, a que quase ninguém prestou atenção nas últimas décadas.

l) Mas houve ocorrências não menos expressivas depois da polémica do Expresso:

— João Macedo publicou no Expresso de 23/5/1987 uma crítica que transcrevia a citação feita por Maria de Fátima Marinho de uma carta de Cesariny para Jorge de Sena; tanto bastou para que Mécia enviasse para o Expresso (13/6/1987) uma carta "apenas para meditação do crítico" (!), a mostrar-se surpreendida: a carta de Cesariny não estava no espólio de Sena — pelo que perguntava: "Como tem essa investigadora conhecimento dela? E como a publica sem me perguntar, conforme mandam as leis da autoria, uma vez que sou a legítima e expressamente declarada herdeira de Jorge de Sena, o que o marido dela sabe (...)?" A referência ao "marido" — a mim — levava água no bico, até porque era do conhecimento geral a sua condição de herdeira. E Mécia falava nos seus direitos de autoria sobre uma carta de... Cesariny. Carta de que, informou-a Macedo, a referida investigadora indicara a fonte: o livro "A Intervenção Surrealista", de 1966. Mas no Expresso não apareceu nenhuma outra carta de Mécia a pedir desculpas.

— O meu prefácio a "Sinais de Fogo" desapareceu na 3ª edição (1985), sem que me fosse dada qualquer satisfação ou pedida qualquer atualização e sem nenhum registo do meu trabalho de "editor".

— O meu nome nunca chegou a figurar em "Fernando Pessoa & Cª Heterónima", título que escolhi de preferência a "Ela Canta, Pobre Ceifeira" e conjunto de estudos que inventariei, ordenei, revi para edição e prefaciei. Li a primeira versão completa desse prefácio (com notas) no Colloquium in Memory of Jorge de Sena, realizado em Santa Bárbara em 6-7/4/1979, de que fui um dos organizadores e cujas atas saíram em 1981; Mécia estava presente e, no fim, veio felicitar-me, pedindo-me para lhe facultar a leitura do original, em que ela deixaria quatro ou cinco brevíssimas marcas, a primeira das quais um erro objetivo (guardo o original). Mas em junho de 1981, quando o livro já ia para segundas provas, um responsável pelas Edições 70 anunciou-me, encabulado, e enviou-me uma cópia de provas do meu prefácio, que Mécia fizera alguns cortes, acrescentos e emendas, como estas: onde eu dizia "Sena", ela escrevia sempre "Jorge de Sena" (mas cortou o meu primeiro nome, reduzido a A. numa citação); onde eu dizia "Notas aos textos", ela escrevia "Notas bibliográficas aos textos". Mais: a propósito de um artigo, transcrevi uma nota de Sena e assinalei nela o erro de uma data; Mécia cortou a minha anotação e colocou na citação que vinha entre aspas a data correta. Mais ainda: no final de algumas notas (bibliográficas!) aos textos, ela escreveu: "A. S. e M. de S.". Entendi a provocação e informei o editor que o texto fora todo escrito por mim, embora me tivesse valido de originais e de informações que me facultara Mécia, mas, se agradeceria a correção de qualquer erro objetivo, não admitia nenhuma intromissão autoral. Disse-me mais tarde João Rafael Nunes que Mécia pedira as provas de volta, para poder escrever o seu prefácio e notas, pelo que, juntando-lhe um estudo sobre o "Livro do Desassossego", fiz logo uma edição autónoma do meu texto, com o título "Fernando Pessoa e Jorge de Sena", que foi posta à venda em 10/12/1981, alguns meses antes da publicação do livro de que eu fora expulso. Lembrei-me que logo depois da morte de Sena incitara Mécia, para alívio da sua dor, a escrever as suas memórias, os seus *flashes* — e não só cartas —, mas não me senti culpado por, de repente, ela querer ser como Sena, querer ser outro Sena.

— O trabalho da edição do volume de entrevistas foi naturalmente interrompido; saiu só há pouco, organizado por outrem, e lá figuram duas entrevistas que fiz, mas nem Mécia de Sena, nem o organizador, nem o editor me pediram qualquer autorização para as incluir, nem até hoje alguém me falou em direitos de coautoria.

Tudo o que ficou dito prova bem a quem assenta a acusação de "aleivosia" e de "desonestidade intelectual e literária".

Considero Mécia de Sena uma mulher invulgar, com muitas e notáveis qualidades, intelectuais e sociais, de que já fui beneficiário; louvo e louvarei o ingente esforço que fez e faz pela preservação do espólio de Jorge de Sena e pela edição e divulgação da sua obra. Não posso porém louvar o fanatismo, o autoritarismo, o ressentimento, a arte da manipulação que se lê em linhas e entrelinhas do que escreve ou diz. Também me repugnam as suas permanentes tentativas para fazer de Jorge de Sena se não um deus ou um santo pelo menos um super-herói ou um supermártir. E é preciso desconstruir uma "narrativa", como agora se diz, assinada muito menos por Jorge do que por Mécia: ele foi injustiçado, passou por muitas dificuldades, e isso tem de ser reconhecido; mas houve muitos escritores seus contemporâneos (já se não fala em portugueses e emigrantes) que sofreram muito mais — sem eles, ou os familiares, se apresentarem tão repetida e enfaticamente como mártires; mais: poucos escritores portugueses tiveram como o insaciável Jorge de Sena teve, sempre, tantos apoios de familiares e de amigos e as portas abertas de tantos jornais ou revistas e de tantas editoras.

Fui dos primeiros da minha geração a reconhecer — publicamente — a importância de Jorge de Sena, tornei-me seu amigo pessoal quando ele insistiu em levar-me para a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara; terei sido o português, descontados alguns familiares, que mais de perto o acompanhou nos últimos meses de vida (guardo por sinal o registo escrito de algumas das últimas conversas que tivemos e não esqueço que uns dez dias antes de ele morrer ainda tive a alegria de o receber em minha casa). Carregando sobre os ombros o peso de uma missão artística e libertadora, Jorge de Sena sempre me pareceu um homem de carácter, franco e generoso, um trabalhador incansável, até quando já o minava a doença, um fascinante conversador, um espírito omnívoro e um escritor genial, embora em grau inferior ao dos seus amados Camões e Fernando Pessoa e em grau não superior ao do seu desamado Vitorino Nemésio. Isso porém nunca me impediu nem impedirá de considerar desinteressantes ou infelizes alguns dos seus textos nem de notar algumas das suas humanas fragilidades. A ideia de um Jorge de Sena em tudo, vida e obra, perfeito ou superior afasta-o certamente da zona dos mortais que ele sempre habitou e de que sempre falou e talvez não permita avaliar na devida medida a grandeza do criador e a altura da sua criação. Λ

Por um prévio telefonema de um dos signatários eu já me tinha apercebido que fora a referência à homossexualidade que mais indignara Mécia e os escritores... progressistas (!), a que não me foi difícil dar logo a devida resposta